



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

BOLETIM

Sessão de 6 de Janeiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Foi resolvido mandar officios de protesto contra a demolição da muralha de Guimarães à Ex.^{ma} Comissão de Arte e Arqueologia e à Ex.^{ma} Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, juntando a êsses officios a cópia do protesto dirigido à Ex.^{ma} Câmara de Guimarães, sobre o mesmo assunto, em 15 de Agôsto de 1924.

Foram exarados na acta votos de sentimento pelo falecimento de alguns sócios.

Resolvido enviar ao Ex.^{mo} Ministro da Instrução a seguinte representação:

«As colectividades abaixo assinadas e que são indiscutivelmente os núcleos representativos da vida social vimaranense, tendo conhecimento, por informações vindas a público nos jornais, de que V. Ex.^a, como illustre Ministro da Instrução, pensa em revogar, de acôrdo com o Govêrno de que faz parte e com o Parlamento, o decreto que amputou vários liceus centrais do país, dando assim satisfação a fundamentadas reclamações, apressam-se a vir respeitosamente manifestar a V. Ex.^a o seu veemente desejo, já por vezes tam clara e entusiásticamente defendido, de que ao Liceu Central Martins Sarmiento, desta cidade de Guimarães, seja dada tôda a amplitude com que foi criado. Este pedido, afinal, resume-se em bem pouco, Ex.^{mo} Senhor — apenas em que lhe seja restituído o curso complementar de letras, que indevidamente lhe foi retirado.

Dos liceus centrais com o curso complementar de letras, só dois tinham, como se vê do mapa publicado então no «Diário do Govêrno», frequência superior — Passos Manuel, em Lisboa, e José Falcão, em Coimbra; aproximada, mas inferior, e que foram conservados, há os liceus Rodrigues de Freitas, do Pôrto; Alves Martins,

de Viseu; Afonso de Albuquerque, da Guarda; Sá de Miranda, de Braga.

Ignoramos ainda o critério a que se obedeceu conservando o curso complementar de sciências e suprimindo o de letras no liceu de Guimarães — modesto como é e deve ser um povo que vive do seu trabalho e alevantou a cidade e concelho como um dos centros da maior actividade agricola, comercial e industrial, tornando-o um dos principais núcleos fabris da nossa terra, ele é cõscio também e se orgulha da sua actividade e da sua tradição espiritual que, em muito parecer antorizado, destaca Guimarães logo no encaço das nossas três universidades universitárias.

O liceu de Guimarães, de muita freqüência e de conceituado renome — e para estes dois factos nos permitimos chamar a esclarecida atenção de V. Ex.^a — é o vivo ressurgimento e o propugnador no futuro dessa brilhante tradição literária.

Suprimida a Colegiada de Guimarães, que tam nobre e emotivamente se liga à história da nossa Pátria, em 1869, por virtude das disposições tomadas em 1848, quando foi reorganizada em 1890-1891 logo se lhe renovou a característica e se prendeu ao dever de contribuir para o ensino da mocidade, cantinho esse que mais firmemente se estabeleceu em 1896 com a fundação do liceu nacional. Anos decorridos exuberantemente demonstraram o acertado da obra e provaram a sua eficácia — no grande número de alunos que accorrem às suas aulas e no escrupulo, cuidado e intelligência, scientifica e moral, da instrução ministrada.

A lei n.º 341 de 2 de Agosto de 1915 destinava dois terços dos bens da Colegiada, extinta em 1911, à sustentação do liceu; em 1917 (lei n.º 795 de 29-Agosto) o liceu era elevado a central e em 1921 (lei n.º 1178 de 6-Junho) passava, com aquelas rendas da Colegiada, para o Estado a administração directa do liceu.

E' esse longo e penoso esforço, que vinha frutificando em favor das crianças, que nós desejamos e pedimos para honrar e defender. Passa como axioma, infelizmente muitas vezes esquecido, que a base das democracias está na instrução. Essa é na verdade a sua verdadeira força, porque só ela as explica, as fundamenta e as poderá manter. A solicitação que apresentamos a V. Ex.^a nestas palavras simples e comovidas, que esperamos V. Ex.^a escute e atenda, tem, pois, a recomendá-la a justiça, apoia-se no empenho moral, porque é uma questão de instrução, que interessa ao mais sagrado dos interesses, o do altíssimo ideal, o do futuro.»

Assinaram esta representação os Ex.^{mos} Srs.: Eduardo d'Almeida (Pres. da S. M. Sarmento), Alfredo Monteiro Soares de Oliveira (Reitor do Liceu), António Correia da Silva (Pres. da Academia), Simão da Costa Guimarães (Comandante dos Bomb. Voluntários de Guimarães), José de Castro Guimarães (Pres. da Associação Artística), Abel Cardoso (Director da Esc. Industrial), António de Almeida (Pres. da Associação dos Emp. de Comércio), António Francisco Ferreira de Castro (Pres. do Centro Republicano),

Torcato Mendes Simões (Pres. do Círculo Católico), Eugénio da Costa Vaz Vieira (Pres. da Juventude Católica), João Joaquim da C. Oliveira Bastos (Pres. do Orfeão de Guimarães), Manuel Martins Barbosa de Oliveira (Pres. da Associação Comercial e Industrial).

Sessão de 20 de Janeiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

A' Ex.^{ma} Câmara Municipal de Guimarães foi resolvido mandar o officio seguinte:

«Tem caminhado lentamente e com dificuldade, por falta de subsídios da Ex.^{ma} Câmara, o *Vimaranis Monumenta Historica*, obra de incontestável valor e justo e honroso merecimento. Faltam ainda, para conclusão do II volume, o final, nomes toponímicos e erratas, que dará aproximadamente 70 a 80 páginas, no formato primitivo.

A Direcção da Sociedade M. Sarmento, querendo dar-lhe mais um avanço, dispendeu em papel, o necessário para a sua conclusão, 1000 escudos, e aproximadamente 400 escudos apenas na impressão de algumas fôlhas.

Como esta publicação é editada a pedido da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Guimarães, rogamos a V. Ex.^a nos diga qual o subsídio que nos pode dispensar, para que obra tam útil e tam precisa caminhe com mais regularidade e segurança.

Confiadamente esperamos uma resposta favorável de V. Ex.^a»

Resolvido vender em hasta pública algumas portas e caixilhos, de castanho e pinho, que estão a deteriorar-se e a apodrecer nas lojas térreas da Sociedade.

Resolvido também, a pedido do Orfeão de Guimarães, ceder o salão nobre para recepção do grupo congénere da Póvoa de Varzim, que visita esta cidade a 8 de Fevereiro.

Sessão de 16 de Fevereiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

O Sr. Dr. Gonçalo de Meira comunica que o Sr. Dr. Gomes Teixeira anuía ao convite desta Sociedade, vindo em 9 de Março realizar a sua conferência.

O Sr. Presidente pôs à disposição da Direcção, para prémios aos alunos na festa de 9 de Março, os volumes precisos e necessários da sua obra «Romagem dos Séculos», evitando assim, generosamente, que esta Sociedade fizesse avultada despesa na compra de livros vários, que constituíssem o prémio a oferecer aos alunos mais distintos das escolas do concelho.

Foi resolvido convidar os Ex.^{mos} Srs. Tenente Guedes Gomes e António Correia da Silva, aluno de 7.^a classe do Liceu Central Martins Sarmento e Presidente da Academia, para falarem às crianças na sessão solene de 9 de Março.

Sessão de 2 de Março

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José Luís de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Foi resolvido convidar os Presidentes de todas as colectividades de Guimarães, elementos militares e civis, etc., para assistirem à festa de 9 de Março.

O Sr. Presidente leu a carta que segue, e que lhe foi dirigida de Alexandria pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Monteiro:

«Há mais ou menos um mês que aqui me surpreendeu o cativante officio de V., annunciando-me que eu fôra, por unanimidade, proclamado sócio correspondente da Sociedade M. Sarmento a que V. preside com tanta dignidade como elevação de inteligência.

Na distinção conferida, que bem me desvanecer, vai muito do

favor inmerecido da velha amizade de V. e da muita benquerença dos ilustres colegas da Direcção.

Reconheço, com efeito, que me faltam os méritos de inteligência e saber para, sem desdouro, fazer parte do nobilíssimo Instituto Vimaranesse. Confesso, porém e sem modéstia, que me sobram as qualidades de admiração e reconhecimento pela Obra tam eficaz como patriótica que este realizou e é o melhor monumento erguido à memória insigne de Martins Sarmento.

Esta razão leva-me a aceitar e a agradecer a honra conferida que não só muito me penhora e a muito me obriga, mas constituirá, para futuro, um vínculo a mais da minha afeição pelo tam simpático e venerável burgo de Guimarães.

Peço a V. a gentileza de receber a expressão do meu agradecimento — por circunstâncias independentes da minha vontade bem tardio — assim como de o transmitir aos Ex.^{mos} Colegas.»

Por proposta do Sr. Jerónimo Sampaio foi admitido sócio o Sr. Dr. José Francisco dos Santos; por proposta do Sr. Alberto V. Braga foi admitido sócio o Sr. Tenente Domingos José Vieira de Andrade.

Sessão solene de 9 de Março

Do «Comércio de Guimarães» transcrevemos, com o devido respeito, a narração da festa de 9 de Março:

«Brilhantíssima a sua festa anual, como todas as que ali se realizam, onde sempre se alia, em uma harmonia sedutora, o encanto, a beleza e a arte.

Pelas 12 horas realizou-se a sessão solene: a festa das crianças laureadas das diversas escolas do concelho. Mais de uma centena delas; desenhando-se em seus pequeninos rostos, uns, presagiando triste e amortecido viver; outros, de colorido sadio e bom, mas em todos o brilho enternecedor do seu vivo olhar, o estranho contentamento pueril pelo prémio que a benemérita Sociedade Martins Sarmento lhes conferia, em recompensa do seu trabalho e bom comportamento escolar. Todas ali estão, com os seus fatinhos humildes e pêsinhos nus ou com os seus vestidinhos asseados e lindos, deleitando o olhar comovedor e enternecido dos seus pais e professores, que assistem à apoteose sublime, que a nobre colectividade vimaranense lhes consagra. Seduz e encanta esta festa que só em Guimarães se realiza.

Assistência distinta: representantes de todas as colectividades vimaranenses, civis, militares e religiosas, sócios honorários, academia, imprensa, professorado da cidade e concelho, colégios, etc.

Presidiu o Ex.^{mo} Sr. Dr. Soares de Oliveira, digno Reitor do Liceu Central Martins Sarmento, que concedeu a palavra ao ilustre

Presidente da Direcção da Sociedade que, em uma brilhante alocução, se referiu com ponderação, relêvo e brilho literário à instrução popular, mostrando num bem marcado critério e orientação o que ela devia ser, e como devia ser organizada em o nosso país. Trabalho vigoroso e de estudo de um saber profundo e investigador. Sua Ex.^a recebeu uma prolongada ovação no fim do seu primoroso discurso, que é um documento dum altíssimo valor, pela forma e pelas verdades que exprime.

Seguiu-se a distribuição de prémios, em livros e pecuniários, sendo o primeiro aluno, simbolizando todos os outros, afagado e abraçado pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Soares de Oliveira, que os distribuía auxiliado pela Direcção. Depois de terminar esta comovedora parte, usaram da palavra os Ex.^{mos} Srs.: Tenente Guedes Gomes, que num maravilhoso discurso salientou a obra de Martins Sarmiento e desta Sociedade, congratulando-se por ter de falar desta simpática festa, que lhe enchia o coração de contentamento, e dizendo que outras iguais se deviam realizar em todo o país e na praça pública afim de que todos os pais presenciassem o quanto valeni como estímulo e amor. Vibrante de entusiasmo referiu-se ao professorado primário, incitando-o ao rigoroso cumprimento dos seus deveres para com as crianças, tratando-as com o carinho que merece a sua tenra idade. Uma longa salva de palmas coroou o seu primoroso trabalho.

Em seguida o simpático e inteligente Presidente da Academia, Ex.^{mo} Sr. Correia da Silva, trouxe também ali as suas saudações, como se fôsem dum vimezanense e como representante do liceu que tinha o nome venerando de Martins Sarmiento. Em brilhante síntese fez a história da Sociedade. Foi uma nota simpática na Festa, que a realçou pelo entusiasmo da sua alma moça e pelo filigranado da sua palavra ardente e patriótica, pois se sentia bem nesta boa terra onde passou a sua juventude. Muito aplaudido.

Terminou a festa com a oferta de um primoroso «lunch», a todas as crianças, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Sarmiento, que, mais uma vez, demonstrou a sua grande amizade e dedicação por esta casa, pela qual guarda uma alta devoção, amor e interesse.

*

Parabéns à digna Direcção que, durante 4 anos da sua gerência, proporcionou aos vimaranenses noites de verdadeiro prazer espiritual e tam alto renome deram à benemérita colectividade, seguindo as gloriosas tradições dos seus dedicados fundadores.

«O Comércio de Guimarães», velho amigo da Sociedade, saúda os Ex.^{mos} Srs. Dr. Eduardo d'Almeida, Dr. Gonçalo Monteiro de Meira, José Luis de Pina, Francisco Martins, Alberto Vieira Braga e P.^e Anselmo da Conceição e Silva e lembra também saudosamente o seu dedicado companheiro Dr. Alberto Martins Fernandes.»

*

Do «Primeiro de Janeiro», correspondência de Guimarães:

«Realizou-se, com todo o brilho e esplendor, no passado dia 9, a costumada sessão solene desta prestimosa Sociedade, onde foram distribuídos aos alunos mais pobres, mais distintos e melhor comportados, prémios de livros e prémios pecuniários.

Foi uma festa singela de estímulo e louvor. As festas de crianças são sempre interessantes e simpáticas.

Pela meia hora da tarde o digno Presidente da Sociedade convidou a presidir à sessão o ilustre Reitor do Liceu. O Sr. Dr. Eduardo d'Almeida leu então, pausadamente, e com entusiasmo, uma oração brilhante de ensinamento e incitamento ao professorado do concelho, que estava representado na sua totalidade.

Em seguida procedeu-se à distribuição de prémios a 120 crianças de todas as escolas do concelho.

Acabado este acto tocante e simples, cheio de inédito e de curiosidade, foi concedida a palavra ao Sr. Tenente Guedes Gomes, brioso e ilustre oficial de infantaria 20, que proferiu, com brilho, uma oração primorosa, mostrando o quanto é necessária a instrução para o povo português e desejando que aquela festa tivesse uma mais vasta latitude, para que todos, filhos e pais, concorressem a ela e dela colhessem os resultados mais proveitosos e úteis.

Depois falou também o Sr. António Correia da Silva, Presidente da Academia, que, com sinceridade, enalteceu os fins da Sociedade, mostrando o quanto ela é simpática aos olhos de todos.

Os oradores foram muito aplaudidos.

No final foi fornecido às crianças premiadas um *lunch*.

Às 21 horas, a festa da Sociedade fechou com chave de ouro, por o Sr. Dr. Gomes Teixeira haver realizado uma conferência no salão nobre, sob o tema «O grande S. Bernardo, o Etna e o Monte Branco».

O salão da Sociedade estava repleto; gente da mais distinta e no mais apurado requinte de trajar, pelo menos as senhoras, que deram à festa uma nota fresca e elegante.

O Presidente da Sociedade, num discurso cheio de entusiasmo e sinceridade, enalteceu as qualidades primorosas de carácter e inteligência do conferente, e pediu-lhe licença para lhe oferecer o diploma que elevava o grande sábio à categoria de sócio honorário da Sociedade Martins Sarmiento.

O Sr. Dr. Gomes Teixeira agradeceu penhoradamente e entrou a descrever as suas impressões de viagem, mostrando aos nossos olhos maravilhas e encantos, nas projecções que acompanhavam a sua narrativa primorosa, cheia de fé e de entusiasmo.

A conferência foi educativa e prendeu pelo relêvo e simplicidade da descrição.

Sua Ex.^a levou-nos a viajar também. Mostrou-nos coisas lindas, belas, imponentes: as geleiras perpétuas, o Etna, o convento, os observatórios, etc.; e pintou-nos maravilhosamente, com elo-

quência, como é bela a resignação dos frades que só fazem bem, e o carinho dos cães, que só praticam actos belos de sublimidade, de protecção e defesa.

Impossível, para nós, descrever todos os pontos da conferência, tantos e tam curiosos e interessantes êles foram.

No final, Sua Ex.^a viu quanto ela tinha agradado, porque o entusiasmo de todos se manifestou numa prolongada salva de palmas e nos affectuosos cumprimentos da gente mais grada.*

*

A alocação proferida pelo Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento, foi a seguinte:

Vai passada meia hora além daquela para que estava convocada esta sessão. Como não chegou ainda o Sr. Delegado da Câmara Municipal e não possa demorar mais a abertura da sessão por causa das criancinhas vindas de aldeias distantes, convido para presidir o Ex.^{mo} Reitor do Liceu Martins Sarmento e vou ler a minha alocação, pedindo desculpa da falta de voz por estar bastante constipado.

Pela quarta vez, em quatro anos consecutivos, me cabe a honra de abrir a nossa festa para entregar aos alunos das Escolas, considerados pela sua aplicação ao estudo e dedicação ao trabalho como os mais dignos representantes de toda a vasta colmeia dos seus discípulos, o carinhoso abraço, vindo por além do tempo e enternecido em nossa alma, dos ilustres antepassados desta casa, e dirigir às professoras e professores do Ensino Primário no conceito, com as felicitações mais sinceramente efusivas e o testemunho da nossa amizade e reconhecimento, o empenhado fervor a que mais atidamente, se é possível — e é sempre possível —, se consagrem à sua obra, que é um canseroso e alto, modestíssimo e dignificante sacerdócio.

Sempre me conturbou docemente o coração a solenidade de 9 de Março, dia evocador de uma das mais nobres memórias de Guimarães, dia-de-gala na história da nossa vida municipal, dia-santo no pequenino calendário dos nossos sacrifícios pela ciência e do nosso cuidado pelas gerações académicas, o dia de Martins Sarmento — e revivi em saudade, apenas levemente disfarçada num sorriso de lágrimas, o fugidio minuto da infância, em que também aqui vim rapaziinho da aula, e por estas salas ecoavam as palavras de entusiasmo, o verbo inflamado de esperança, a eloquência de sentimento de grandes vimaranenses, tam grandes que ninguém os substituiu ainda e, em cada hora difficil, os estamos chamando em nosso auxílio.

Eu ouço essas vozes nitidamente, distintamente, realmente — levanto-as do túmulo das idades passadas, o ontem já perdido na massa secular, e sinto-as espertar a sombra de cadáver do homem que fui e jaz na vaga consciência do homem que sou: emudecem-me em comoção e enternecimento. Queria deter-me a escutá-las; o som da minha própria voz distancia-se e apaga-se e elas avultam, engrandecem e ressoam.

Neste ar de crepúsculo, já a sumir-se na treva da eternidade, e para onde foi perder-se mais um nome tam querido, de um generoso Vimaranes e sirzero amigo desta casa, o Dr. Alberto Martins Fernandes — o nosso amavel e excelente companheiro! —, radiam aleluias, a dor e o luto da saudade transforma-se em anseio e volatiza-se em esperança, são frescas flores as lágrimas tristes, a morte renasce em vida — e todo o nosso coração vai para o coração daquelas criancinhas!

Eis, na sua tocante simplicidade, o significado do acto a que estamos procedendo — acto de fé, acto de amor — do passado pelo futuro, dos velhos pelos novos, dos que já andaram mundo pelos que ensaiam os primeiros passos. Mundo tenebroso e maravilhoso do pensamento, o verdadeiro mundo do homem, que é o da sua vida espiritual. Aqui se ligam as idades e se encadeia na sombra da noite a luz da manhã.

*

O destino a que muito principalmente se dedicou a Sociedade Martins Sarmento não poderá nunca julgar-se cumprido ou ter-se como esgotado. A questão da instrução e da educação, sobretudo populares, abrange um problema eterno porque o homem derruba sucessivamente os limites erguidos à sua perscrutação do infinito. A sciência é apenas um método, a arma com que se pelejam os combates do conhecimento, a filosofia o seu caderno de viajante. A alcançado penosamente o coto de uma serra, a vista descobre novos e mais vastos horizontes — há sempre e ainda o mar largo das travessias e das aventuras. Poderia o homem deter-se feliz na sua confortadora ignorância — mas êle não quer, prefere o risco maior à comodidade mais doce. Rasga as ondas da água e do vento e por lá os argonautas clamam as grandezas dos descobrimentos e as maravilhas do desconhecido e a praia coalha-se dos que se aprestam a ir, sequiosos de ver e saber, seja o ver e saber o bruto que dá a sede eterna ou envenena pelo desengano mais sentido.

O espaço entre este sobressalto ou desejo e os meios de realização, que deve ser um dos principais aspectos da actividade politica, espaço maior ou menor, dá constantemente a impressão de atrazo, que o é por isso também entre as aspirações, e muitas vezes até as necessidades sociais, da sementeira e cultura utilizadora dos conhecimentos, e a sua objectividade capaz, sufficiente para cada um e sufficiente para todos.

Não precisamos sair do âmbito especial e restrito da nossa festa para o verificarmos demonstrativamente. O ensino primário em Portugal vai melhorado de há anos? Não o contesto. Mas vejo ainda largas manchas no mapa — são as cavernas escuras onde não chegou a escola. Ouço de novo a impertinência malévola de idiota de que talvez o saber ler e escrever seja um perigo. E', foi-o sempre, mas para todos os erros e iniquidades. No homem, não é mais do que um instrumento de que êle pode fazer bom ou mau uso. Também a bróa de milho pode dar a saúde ou a pelagra. Pão do espirito: pão. Alimento, sustento indispensável de solidariedade, de relação humana. Sem êle já hoje um homem não pode considerar-se verdadeiramente homem, apenas um animal auxiliar do homem. Há o génio na treva? Por certo — mas é pensamento.

Pensamento e dor. Semente levada no vento e florescendo no monturo. Pensamento, dor e impotência, porque raramente da sua brasa chameja o fogo. Consome-se, mas não ilumina.

Apagadas essas manchas, nada ficou ainda resolvido. Abrir uma escola, pouco importa — o que importa é pôr essa escola a funcionar, porque o principal destino da instrução é a educação. É o magno problema da educação não é de quantidade, mas de qualidade. Aprende o mesmo abc o santo e o facinoroso. Tempo houve em que se considerou o exame como uma carta de alforria — pode ser uma carta de escravatura, a terrível escravidão de tantíssimos que a escola desenraizou, mas deixou inaptos, nem para trás nem para diante, ou a primeira linha de um cadastro criminal. Verdades velhas e sabidas, verdades eternas e muito desprezadas, mas verdades que andam caminho.

Em Janeiro de 1916, Painlevé, então Ministro da Instrução Pública em França, discursando a propósito de uma conferência sobre «a guerra e o papel social da escola primária», dizia: «quando falo em ensino primário, emprego uma palavra que queria ver abolida. Não há ensino primário, nem ensino secundário, nem ensino superior. Há um ensino nacional, uma formação de alma nacional. Esta formação deve tirar de cada alma o que nela houver de melhor: deve pôr cada criança em estado de realizar na vida tudo quanto é capaz de dar. Cada alma tem o seu perfume, cada inteligência tem o seu aroma; o bom jardineiro não faz só florir, no seu jardim, os lírios e as rosas, flores altas e orgulhosas, faz florir também o cravo, a resêda e o jasmim. E' ao que deve visar a nossa obra de educação. E' preciso que cada criança se sinta acompanhada por uma simpatia inteligente e atenta, a simpatia do mestre, representando a nação e a quem ela deu o encargo de tratar aquela alma nova.»

Exageradamente, a teimar num erro, derivado do sectarismo, parcial e conseqüentemente imperfeito, mas visando largo e justo, escrevia, nos tempos da propaganda política, Herriot, actual Presidente do Governo, em França: «Um francês tem mais necessidade de ideias do que de pão. Mas queríamos ver renovadas as fontes da nossa cultura. Há ideias vivas e ideias mortas, verdadeiros cadáveres de ideias. E na sociedade que vai nascer, a ciência deve guiar até à mais humilde ocupação. Nenhuma criança devia passar directamente da escola para a oficina. Na origem de toda a formação, o ensino primário; para além o estudo racional dos officios», e concluía inscrevendo como princípio do seu programa — «nós reclamamos o ensino profissional obrigatório», obrigatório para todas as espécies de actividade humana.

E uma intensa campanha se desencadeia ali, tendo em mira o que já designam como «o grande dia da justiça e da concórdia», a favor do que, com menos propriedade, chamam a escola única, o empenho de abrir a frequência de todos os cursos complementares, superiores e técnicos de qualquer natureza a favor de todos, os filhos dos mais pobres, o filho do aldeão ou do misero artista, que se mostrarem capazes pela sua inteligência, pelo seu apêgo ao estudo, pelas suas qualidades de trabalho, sendo assim feita a selecção nos estudos pelo valor que não pela riqueza ou pobreza. Como resultado, além de vários projectos apresentados na Câmara Francêsa,

nota-se o desenvolvimento das bolsas de estudo em benefício dos estudantes sem recursos e em que algumas municipalidades arrojadamente se distinguiram.

Quando tam graves problemas se agitam e põem em marcha, vamos nós afirmar que temos cumprido os nossos deveres mais rudimentares?, e que temos concretizado em factos úteis o desmanchado verbalismo? Ah! por certo que não!

Diz o Dr. Agostinho de Campos, que eu respeito como mestre pelo seu talento e pelo seu carácter e venero como português pelo seu tam claro e nobre patriotismo: «O problema da educação do povo em Portugal costuma pôr-se desta maneira: não temos escolas primárias em número suficiente. Assim formulado, o problema não existiria teoricamente..... Por nosso mal, êle é muito mais fundo, muito mais complexo e muito mais alto, do que aquela rude forna simplista o supõe e o deixa supor. O que deve dizer-se para estabelecer as incógnitas é o seguinte: Portugal não tem conseguido organizar a verdadeira educação primária nacional, porque a não tem querido até agora. e O que é necessário fazer-se para que êle a queira?» Na verdade, multiplicar as escolas ilude a dificuldade apenas, quando a não agrava. «Supor que a principal função da escola primária é ensinar a ler — eis o erro fundamental, acrescenta, que urge combater e corrigir.»

Assim, lapidariamente, está o problema enunciado e definido. Não é um caso de alta ciência e arvezada investigação — é um assunto de consciência e uma obra de moralidade. A nossa escola primária muitas vezes, infelizmente muitas vezes, está em contacto com a miséria mais negra e mais triste, com a ignorância mais imunda, com o atrazo mais bárbaro, com o vício mais tórpe, com as superstições mais perigosas. E a escola convizinha com a fome e com a bruteza, com o crime e com a hipocrisia, quando o primeiro dever da escola era salvar as crianças, as suas filhas, os seus filhos, de semelhantes perigos, fazendo por intermédio dos pequeninos a educação dos pais, exercendo acção e reacção sobre o remodelamento do meio social em que estão colocadas, intimidando pelo respeito e acarinhando pelo amor.

As veias do nosso Minho estão a ser sangradas pela emigração. O desapêgo à terra, infringindo a nossa mais bela tradição secular, é o primeiro sinal da nossa ruína e a mais séria ameaça da perda do nosso direito de nacionalidade. Sacodem-se no ar, a asfixiar-nos a todos, as ideias mais perversas e os sentimentos mais retrógados, luta-se pela carnificina, fraternamente odiamos-nos e andamos a rivalizar-nos como lobos ferozes. Que bela função maternal podia desempenhar a escola! Maternal porque grandemente humana e patriótica — a escola deve ser antes de mais e acima de tudo o mais compreensiva, dignificante da qualidade de homem, e nacionalizadora. Maternal porque singelamente intuitiva, inspirando-se no bom senso, na experiência, e muito sinceramente no amor.

Mas... são mais que horas de terminar. Em quatro anos de quanto possível aturado serviço nesta casa não me cansaram, nem aos meus excelentes e dedicadíssimos Colegas, sacrificios ou trabalhos. Carecemos, ainda assim, de retemperar a energia, de ligar a que dispndemos à dos que nos vierem render neste pôsto, muito honroso mas difícil, da sociedade vimaranense. De uma vastíssima

obra a realizar — e creio firmemente que ela se realizará — não tracámos senão os primeiros delineamentos. Vamos confiados no respeito e no carinho que esta casa impõe a todas as inteligências, vontades e corações da nossa terra.

*

Alocução proferida pelo Sr. António Correia da Silva, Presidente da Academia:

Realizando-se neste dia, de tam gratas recordações para os filhos de Guimarães, uma festa que, em última análise, é uma homenagem à memória do Vimaranense ilustre, que se chamou Martins Sarmento, honra e glória não só da terra que lhe foi berço, mas também da Pátria Portuguesa, que tanto honrou com o seu estudo aturado, com o seu brilhante talento, com a sua obra científica, apreciada por sábios de diversas nacionalidades, mal parecia que os estudantes do liceu, que se decora com esse nome ilustre, não tivessem nesta sessão um seu representante, embora o mais obscuro, para em duas palavras dizer à Sociedade Martins Sarmento que os alunos do Liceu Martins Sarmento rejubilam com esta festa em honra das crianças das escolas primárias e dos promotores da instrução popular nesta cidade e concelho e saúdam com todo o entusiasmo a Sociedade benemerita, a que Guimarães deve as suas mais belas conquistas no campo da Instrução nos últimos 40 anos.

Senhores, eu não sou Vimaranense pelo nascimento, mas ficá-lo-hei sendo pela alma, pelo amor a esta terra, em que me foi dado passar a mais bela quadra da minha vida.

Este amor não vem somente da beleza da paisagem em que se enquadra o velho burgo de Afonso Henriques; não vem somente do conhecimento que tenho deste povo bom, trabalhador e honrado; da contemplação dos velhos monumentos do passado e dos modernos monumentos da indústria, que atestam o seu progresso. Não! Há um facto que me cativa, que traz ao meu espirito uma admiração profunda pela elite desta terra.

E' esta casa!

Quando por toda a parte se procura perpetuar os heróis da guerra, da ciência, das letras ou das artes, com o bronze frio das estátuas, Guimarães perpetuou o nome do seu filho ilustre — lido herói da ciência — com um monumento vivo, palpitante, activo e benfazejo.

Na sua biblioteca oferece aos estudiosos o que o passado nos legou na história, nas ciências, na oratória, na poesia, e o que há de mais moderno na nossa literatura.

Nos seus museus, mostra-nos documentos da pre-história, dos tempos celtas, dos fenícios, dos romanos, apontando-nos as secções organizadas e colocadas pela mão patricia de Martins Sarmento.

Quando se trata de promover a instrução, esta Sociedade aparece, criando o seu instituto escolar, ampliando a criação do seminário e depois do liceu, cooperando na criação e desenvolvimento

da Escola Industrial Francisco de Holanda, promovendo missões de escolas móveis, etc.

E a coroar todo este esforço benemérito, abre os seus salões neste dia já hoje histórico e chama os pequeninos animando-os ao estudo com os prêmios que distribui.

Que linda festa, que formosa solenidade!

Senhores, perdoai! Vós os que constituís a Direcção desta Sociedade, vós os que tendes os vossos nomes inscritos no número dos seus associados, vós os que sois Vimaranenses de nascimento e de coração, sentis certamente um grande e justificado desvanecimento, ao contemplardes esta obra que é vossa; mas... perdoai esta vaidade: não podeis sentir mais amor, mais entusiasmo, por esta obra bendita, do que nós — a mocidade — que no meio dos seus sorrisos e das suas despreocupações, presta o mais encendrado culto a tudo o que representa um nobre ideal de justiça e um esforço para o progresso da humanidade.

Esse ideal de justiça, prestando esse culto ao grande vimaranense que foi Martins Sarmento, esse esforço que se patenteia nesta festa de instrução, existe aqui.

Por isso, permiti que quebre por um momento o silêncio a que obriga o acto solene a que assistimos e exprima o afecto da mocidade que representa, e o entusiasmo que em nós desperta esta casa e esta festa, com esta exclamação que me sai do fundo da alma:

Viva a Sociedade Martins Sarmento!

Viva Guimarães!

*

Alunos premiados em 9 de Março de 1925.

Com livros:

Escola de Abação: Maria dos Anjos do Vale e Joaquim Pereira de Sousa Guimarães. *Esc. de Airão (Santa Maria):* Maria da Cunha Fernandes e Francisco Martins. *Esc. de Azurém:* Francisca Rosa Machado e João Ribeiro. *Esc. de Barco (S. Cláudio):* Ana da Silva Ribeiro e Domingos Ribeiro. *Esc. de Briteiros (Santo Estêvão):* Palmira Maia Guimarães e Manuel da Costa e Silva. *Esc. de Briteiros (Santa Leocádea):* Ana Marques de Lima e Francisco Vaz da Costa. *Esc. de Briteiros (S. Salvador):* Sofia de Magalhães e Félix Fernandes Marques. *Esc. de Caldelas:* Francisca Rodrigues, Isabel da Silva Fernandes, Emília de Jesus Teixeira Lopes, Manuel José Crespo de Sousa, Elísio de Sousa Ribeiro e Alexandrino Pinto Silvério. *Esc. de Cadoso (S. Martinho):* Maria do Carmo Rodrigues e José Salgado. *Esc. de Castêlões:* Emília Fernandes Rocha e Armando Martins. *Esc. de Conde (S. Martinho):* Cirila de Freitas Aguiar Vieira e Domingos da Costa. *Esc. da Costa:* Albertina Fernandes e António Mendes Ribeiro. *Esc. de Creixomil:* Maria Amália Gomes Alves e José Fernandes de Prado. *Esc. de Fermentões:* Olívia dos Prazeres da Costa Pacheco. *Esc. de Gonça:* Joana Maria de Oliveira

e Armando de Oliveira. *Esc. de Gondomar*: Maria Martins e Américo Couto. *Esc. de Guardizela*: Glória Barbosa da Silva e Luís Ribeiro. *Escolas Centrais (Guimarães)*: Virgínia Soares, Maria Dias da Fonseca Moreira, Leontina de Oliveira Campos, Conceição da Silva Barroso, Maria Augusta Ferreira Braga, Maria da Soledade de Sousa Carvalho, Laura Ferreira Guimarães, Irene Branca da Costa Rodrigues, Emília da Costa Rodrigues, Domingos de Castro, Anibal Sequeira, Joaquim Garcia, António da Fonseca Ferreira, Angelino Pereira Bastos, Alvaro Alves Pinto, José Abreu, Orlando Augusto da Silva Coelho, Luís Alves, Jerónimo de Oliveira. *Esc. de Infantas*: Ludovina Ferreira e Domingos Leite Guimarães. *Esc. de Leitões*: José Peixoto. *Esc. de Longos*: Glória de Freitas e Delfim Marques Dias da Silva. *Esc. de Moreira de Cónegos*: Maria Ermelinda de Oliveira Faria, Florinda Gomes Dias Pereira, Manuel da Silva e António Ferreira de Oliveira Guimarães. *Esc. de Nespereira*: Maria Adelaide Varela Magalhães, Maria da Conceição Ribeiro, António da Silva e Francisco José Moreira Guimarães. *Esc. de Polvoreira*: José da Cunha. *Esc. da Ponte (S. João)*: Maria Pereira Caldas, Maria Magalhães Salgado, Joaquim Pereira e Francisco Salgado. *Esc. de Sande (S. Lourenço)*: Laura Ferreira Gonçalves e Bernardino Leite de Faria. *Esc. de Sande (S. Martinho)*: Amídia da Silva Sousa Coutinho e Manuel Mendes Leite Júnior. *Esc. de S. Torcato*: Arminda da Silva e João da Silva Mendes. *Esc. de Selho (S. Jorge)*: João de Faria. *Esc. de Selho (S. Lourenço)*: Emília Fernandes e Pedro Lopes. *Esc. de Serzedelo*: Maria de Oliveira e Domingos Pereira. *Esc. de Silvares*: Maria Mendes e António da Silva. *Esc. de Souto (Santa Maria)*: Maria Isabel Fernandes de Macedo e Joaquim Fernandes da Silva. *Esc. Académica (Guimarães)*: Afonso Araújo, *Esc. do Coração de Maria (Guimarães)*: Laura Freitas Ribeiro e José Jacinto de Carvalho. *Esc. do Coração de Jesus (Guimarães)*: Artur Herculanio Justino Amado. *Esc. de S. Francisco (Guimarães)*: Maria Olinda Barreira e Manuel Ferreira Lopes. *Esc. de N. S. de Lourdes (Guimarães)*: Elisa da Conceição Ribeiro Alves Pinto. *Colégio de N. S. da Conceição (Guimarães)*: Irene Gomes Fernandes Guimarães.

Não trouxeram alunos a prémio as escolas de Arosa, Atães, Balazar, Caldas (S. João), Caldas (S. Miguel), Corvite, Infias, Loredelo, Pentieiros, Prazins, Ronfe, Sande (S. Clemente), Tagilde, Vizela (S. Faustino), Vizela (S. Paio) e Mesão-Frio.

Prémios pecuniários:

Prémio Simão Costa Guimarães (50 escudos ao professor que maior número de alunos apresentar ao exame de admissão ao liceu), conferido a Aurélio da Silva Mendes). *Prémio D. Maria Sarmento* (três prémios de 10 esc. distribuídos aos alunos pobres): Félix Fernandes Marques e Sofia de Magalhães, de S. Salvador de Briteiros e António da Silva, de Silvares. *Prémio Maria Emília* (6 esc. à aluna mais distinta e pobre da escola de S. Martinho de Candoso), concedido a Ana Machado. *Prémio Francisco Jácome* (16 esc. ao aluno mais distinto em exame de instrução primária), concedido a Domingos da Cunha. *Prémio Dr. Avelino da Silva*

Guimarães (50 esc. ao aluno mais distinto das escolas primárias do concelho), concedido a Jerónimo de Oliveira. *Prémio Francisco dos Santos Guimarães* (dois prémios de 15 esc. aos alunos mais distintos da esc. de Urgezes), concedidos a Maria de Lourdes Fontão e António Pinto de Almeida. *Prémio José de Meira* (6 esc. ao aluno com mais assidua frequência à esc. de S. Lourenço de Selho), concedido a Joaquim da Silva, de Gominhães. *Prémio João de Melo* (10 esc. ao aluno mais distinto da Escola Industrial que se dedique ao comércio), concedido a Firmino Gonçalves Conde. *Prémio D. Eulália Melo* (10 escudos), concedido à aluna do Asilo de Santa Estefânia, Alcina Pereira. *Prémio Venâncio* (10 esc.), concedido a Luís de Oliveira, da Oficina de S. José. *Prémio Dr. Alberto Martins Fernandes* (15 esc.), concedido a Leopoldino Ferreira da Costa, da Oficina de S. José.

Sessão de 18 de Março

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, P.^e Anselmo da Conceição e Silva, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Foi lido o seguinte ofício da Câmara Municipal de Guimarães, dirigido ao Ex.^{mo} Presidente da Sociedade M. Sarmento:

«A Câmara Municipal a que tenho a honra de presidir comunica a V. Ex.^a que a circunstância de se não ter feito representar no passado dia 9 do corrente, na costumada sessão solene, para a distribuição de prémios aos alunos mais distintos das diversas escolas deste concelho, não significou a menos consideração nem o menos apreço em que tem a Sociedade M. Sarmento, de cuja Direcção é V. Ex.^a digno Presidente, mas sim o facto lamentável de doença repentina de quem devia representar aquela Câmara, sem que tempo lhe desse para se fazer substituir.

Significo a V. Ex.^a os protestos da minha maior consideração e os votos ardentes do desenvolvimento e prosperidade da Sociedade que V. Ex.^a tam dignamente representa.

Guimarães, 14 de Março de 1925. — O Vice-Presidente da Câmara em exercício — *Eduardo V. C. Pinto de Almeida.*»

O Sr. Presidente propôs o seguinte voto de congratulação, que por todos foi entusiasticamente recebido e aprovado:

«Passando àmanhã o aniversário natalício do Ex.^{mo} Senhor Dr. Joaquim José de Meira, que, desde

as primeiras horas, se manifestou um entusiasta e devotadíssimo amigo desta casa, acompanhando-a sempre carinhosamente com os dotes superiores da sua rara, culta e privilegiada inteligência, com o mesmo estímulo voluntarioso e delicado, reflexo da sua convicção no lema que ela se traçou e da sua esperança nos destinos de Guimarães, tenho a honra de propor se lance na acta um voto de congratulação, saudando essa alta e nobre figura de vimaranesense, que tam honrada e talentosamente sobressaía na nossa história contemporânea, médico proficientíssimo, professor distinto, e notável ainda pelos serviços, que não devem esquecer, e muitos são, com que sempre de facto desenvolveu e prestigiou a sua terra."

O Sr. Presidente leu, sincera e comovidamente: "Sendo esta a última sessão ordinária da actual Direcção e havendo-se procedido a novas eleições, que, na maior parte, a remodelam, é com gratíssima e compenetrada saudade, e não sem uma tristeza muito íntima, que me despeço dos meus colegas e vejo dissolver-se este verdadeiro agregado familiar em que decorreram alguns anos da minha pequena e sumida actividade espiritual. Não era assim o meu desejo — pois, sinceramente e de comum acôrdo, o de nos substituírmos todos por outros que melhor pudessem alevantar o nome da casa e realizar a obra que lhe está seguramente marcada —; mas venceram circunstâncias, contra as quais me obstinei, e que, mas sem razão, coagindo-me, afinal me deixaram vencido. Ainda mal!...

Junto vivemos a mesma febre de sonho por tam nobre monumento de Guimarães, vimos resplandecer o mesmo facho de ideal, sempre um: o de dignificarmos a herança recebida, projectando-a bem pura ao futuro, já que não poderia ser engrandecida, nos concertamos fraternalmente contra embaraços e dificuldades, que dobrávamos sorrindo, nos confrangíamos na apequenação de um largo programa, para que um por um contribuía no melhor do seu affecto: aqui pusemos o nosso coração, em comum batendo como um só coração. A morte lacerou-nos fundo arrebatando criminosamente o mais leal, o mais excelente companheiro, o querido amigo Dr. Alberto Martins Fernandes, mas nós o ressurgíamos para o nosso lado e aqui o temos

ainda em cada um dos nossos encontros. São horas que não mais se perdem na memória e cuja evocação me está já comovendo ao levantarmo-nos daqui para dispersarmos.

Não devo ocupar a acta com a manifestação de sentimentos pessoais, mas não incorrerei em culpa deixando nela bem consignada a harmonia que sempre nos uniu e a fé vivíssima — de antes quebrar que torcer — no nobre, útil e progressivo destino da Sociedade Martins Sarmento, em que todos comungamos, e, já que êsse dever penoso me incumbe, em meu nome, a todos, o sentimento penhorado e amigo pela inteligência, estima e vontade firme com que sempre me guiaram e auxiliaram, e, em nome dela, o preito de agradecimento pelos honestos e muito dedicados serviços com que procuraram engrandecê-la.

Creio bem interpretar o desejo de todos consignando ainda aqui o quanto devemos aos Ex.^{mos} Srs.: Coronel Tibúrcio de Vasconcelos, pela competência, desinterêsse e amizade com que se tem dedicado à Sociedade procurando actualizar a verbetagem da biblioteca e organizando, com superior critério e perícia, o catálogo da biblioteca Martins Sarmento; P.^e Domingos José da Costa Araújo, o incansável e autorizado revisor da «Revista de Guimarães», onde tem demonstrado, a-par dos mais profundos conhecimentos humanistas, a mais cativante benevolência; e João Lopes de Faria, que é um bom amigo desta casa, um devotado amigo de Guimarães, e de cujo auxílio muitas vezes me tenho socorrido; bem assim aos Ex.^{mos} Srs. P.^e José Maria da Silva, pela gentilíssima oferta de dois jornais diários para a sala de leitura e João Teixeira de Aguiar, pela oferta da «História da Colonização Portuguesa no Brasil»."

O Director Sr. Francisco Martins, na qualidade de mais velho, agradeceu, em nome dos Directores que a 1 de Abril terminam o seu mandato, as palavras affectuosas e amigas do Sr. Presidente, que são, em derradeira prova de familiar camaradagem, uma despedida sincera, feita em confissão amiga e de alma alevantada na bondade com que sempre nos acolheu e desculpou, a nós que trabalhámos ao seu lado e ao lado do colega José de Pina, dentro da maior harmonia e

- sempre com a máxima lealdade, seguindo com admiração e respeito, pelo seu valor e saber, pelo seu carácter e firmeza de vontade, os conselhos da sua orientação e os trabalhos da sua inteligência, que inteiramente votou sem desfalecimentos à obra grandiosa que elevou a Sociedade Martins Sarmento. Com o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, que foi a alma de tôdas as iniciativas e a vontade de tôdas as realizações, e com o Sr. José de Pina, companheiro dedicado e trabalhador incansável, inteligente Director dos museus, que dêles trata com carinho, saber e amor, com êstes dois companheiros estaremos sempre na defesa da Sociedade e no auxílio do trabalho, unidos, juntos e firmes aos novos colegas que vão brevemente acompanhar o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida na Direcção desta casa.

Todos os Directores se associaram aos votos de agradecimento que o Sr. Presidente propôs. São mercedos e de inteira justiça.

A Direcção resolveu também, ao terminar o seu mandato, consignar na acta um voto de carinhoso e enternecido agradecimento à Ex.^{ma} Senhora D. Maria Sarmento, muito digna sócia honorária desta Sociedade, por todos os favores dispensados e atenções recebidas e pelo amor consagrado a esta instituição, que lhe é devedora das mais altas considerações e dos mais prestantes auxílios.

Por proposta do Sr. Dr. Gonçalo de Meira foi admitido sócio o Sr. Tomás Rocha dos Santos.

Resolvido vender em hasta pública vinte pinheiros no monte da Citânia, a retirar até o mês de Julho.

Foi exarado na acta um voto de pesar pelo falecimento da nossa consócia Ex.^{ma} Sr.^a D. Delfina Carneiro Martins da Costa (Aldão).

Procedeu-se no dia 16 do corrente, em Assembleia Geral, à eleição da nova Direcção da Sociedade Martins Sarmento. Ficou composta dos seguintes Srs.:

Efectivos — Amadeu Carvalho, Coronel Duarte do Amaral Pinto e Freitas, Dr. Eduardo d'Almeida, Francisco Pereira Mendes, Dr. João António de Almeida Júnior, José Luís de Pina e Capitão Mário de Vasconcelos Cardoso.

Substitutos — Alberto V. Braga, P.^e Anselmo da Conceição e Silva, Dr. Augusto Mendes Ferreira da

Cunha, Capitão Francisco Martins Fernandes Júnior, Francisco da Silva Pereira Martins, Dr. Gonçalo Monteiro de Meira e Manuel Pereira Mendes.

A Sociedade recebeu, durante o trimestre, as seguintes ofertas, que mais uma vez agradece aos seus generosos oferentes.

Para a biblioteca :

LIVROS

Augusto Alves Dinis, 1 volume ;
Associação Comercial e Industrial de Guimarães, 1 estatuto ;
Alfredo Guimarães, 1 volume ;
José Pinheiro, 16 fascículos dos «Gatos» e mais 2 fascículos vários ;
Biblioteca Municipal do Porto, 1 volume ;
Aillaud e Bertrand, 1 volume.

Para os museus :

José Martins Fernandes, uma vara e um *pé* — medida antiga e aferida para sola e cabedais.

A falta de espaço obriga-nos a retirar a lista das revistas e jornais que durante o trimestre recebemos.

ALBERTO V. BRAGA.